



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

A CENTRALIDADE DO HOMEM NA MODERNIDADE: APONTAMENTOS A PARTIR DE AS PALAVRAS E AS COISAS, DE MICHEL FOUCAULT

Luciana Lima Fernandes

Universidade Federal do Ceará – UFC

fernandes.lucianalima@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo central analisar o modo como Foucault, em *As palavras e as coisas*, investiga as condições de possibilidade da emergência do sujeito como categoria central do pensamento durante a modernidade. Foucault procura fazê-lo a partir de uma investigação arqueológica da epistêmê nos períodos clássico e moderno da cultura europeia ocidental. A arqueologia para Foucault possui uma concepção peculiar, visto que ela não equivale à história como tradicionalmente foi compreendida na cultura ocidental. Para o filósofo, a arqueologia não procura linearidades ou relações de causa e efeito, mas propõe-se descrever epistêmés, ou seja, o modo como o saber se configura num dado período. Em sua investigação arqueológica, Foucault percebe que a partir do final do século XVIII há uma descontinuidade entre as idades clássica e moderna, a qual chama de “mutação arqueológica”, uma transição do discurso clássico sobre o homem, em que este passa a ser ao mesmo tempo objeto de saber e sujeito que conhece. A partir dessa investigação, Foucault realiza uma inovação no campo filosófico não apenas com a ideia de que o homem é fruto dessa modernidade, mas pelo próprio método de investigação que utiliza para chegar a tal conclusão. Os desdobramentos dessa concepção de homem interferem nas noções de ética e formação do sujeito, tão caras para os estudos atuais sobre gêneros e subjetividades.

Palavras-chaves: homem, modernidade, Foucault.

Introdução

As palavras e as coisas foi uma obra de grande sucesso no período de seu lançamento, em 1966, e nos anos seguintes, embora sua fama não tenha perdurado até os dias atuais, pelo menos se comparada a obras posteriores de Foucault, como *Vigiar*

e punir, de 1975, ou *A vontade de saber*, de 1976. Seja por exigir uma leitura mais demorada e cuidadosa ou por ter perdido espaço diante de obras mais requisitadas, no período em que volta suas preocupações para os estudos genealógicos, o livro de 1966 não se encontra entre os mais debatidos pelos estudiosos do autor, mesmo



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sendo de grande importância para a compreensão de sua análise arqueológica e, fugindo dessa periodização arqueologia do saber/genealogia do poder, por trazer à luz o estudo do homem enquanto categoria central da modernidade, que possibilitou inclusive o surgimento das ciências humanas enquanto campo do saber.¹

Um dos objetivos centrais de *As palavras e as coisas* é analisar as condições de possibilidade da emergência do sujeito como categoria central do pensamento durante a modernidade. Foucault procura fazê-lo a partir de uma investigação arqueológica da *epistémê* nos períodos clássico e moderno da cultura europeia ocidental.

A arqueologia para Foucault possui uma concepção peculiar, visto que ela não equivale à história como tradicionalmente foi compreendida na cultura ocidental, sobretudo com a história das ciências. Para o filósofo, a arqueologia não procura linearidades ou relações de causa e efeito, tampouco visa estudar os grandes fatos e

acontecimentos como um desencadeamento que caminha para um fim, tal qual uma história teleológica. Em seu lugar propõe-se descrever *epistêmés*, ou seja, o modo como o saber se configura num dado período. De acordo com Michel Ternes,

Trata-se de interrogar o solo a partir do qual determinadas coisas podem ser ditas, certos discursos podem aflorar, e outros, não. Trata-se, enfim, de se situar nessa região mais fundamental, nesse húmus [...] que alimenta o modo de pensar de uma cultura numa determinada época. (TERNES, 1995, p. 47)

Em sua investigação arqueológica, Foucault percebe que a partir do final século XVIII há uma descontinuidade entre as idades clássica e moderna, a qual chama de “mutação arqueológica”, uma transição do discurso clássico sobre o homem – relacionado principalmente às ciências naturais – para o discurso dominante na modernidade – em que o homem passa a ser objeto de saber e ao mesmo tempo sujeito que conhece, um “soberano submisso,

¹ “Em 1966, vinha a público na França *As palavras e as coisas* (*Les mots et les choses*), causando grande repercussão e intensas polêmicas. O sucesso da obra foi imediato. A revista *Le Nouvel Observateur* estampou em sua edição de 10 de agosto de 1966 que Foucault “vendia como banana” ou, na expressão francesa, como pãezinhos (*Foucault comme des petits pains*). Este foi certamente o livro que projetou

Foucault e conferiu a ele a estatura de grande filósofo francês de seu tempo. Apesar disso, seu percurso intelectual fez com que sua imagem de arqueólogo do saber fosse aos poucos se desvanecendo diante de um novo Foucault cada vez mais associado ao projeto de uma genealogia do poder.” (ALVES, 2016, p. 8)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

espectador olhado”. (FOUCAULT, 2007, p. 430).

Se na idade clássica o que prevalece é a representação e o discurso, na moderna o homem se configura como categoria central do pensamento. Isso só é possível graças à concepção própria da modernidade do homem como um duplo empírico, por parte das ciências empíricas, e transcendental, por parte da filosofia. Esse duplo empírico transcendental é o que o autor chama de *a priori* histórico, o que possibilitou o aparecimento das ciências humanas. Se na idade clássica os seres vivos, as riquezas e as palavras eram analisados à luz da representação, na modernidade, a vida, o trabalho e a linguagem são pensados como objetos empíricos, o que se relaciona intrinsecamente com a problemática do homem tornada possível nesse período, já que este passa a ser concebido como empírico e descobre-se finito.

É no período da modernidade, e apenas aí, que o estudo do homem torna-se pela primeira vez possível para o saber ocidental. O homem, para Foucault, “não passa de uma invenção recente, uma figura que não tem dois séculos, uma simples dobra de nosso saber, e que desaparecerá desde que este houver encontrado uma

forma nova” (FOUCAULT, 2007, p. XXI). Se o homem é histórico, ele possui um começo e um fim, pelo menos como é concebido na modernidade.

Foucault dedicará *As palavras e as coisas*, dentre outras questões, ao estudo do homem na modernidade, noção que reverbera até os dias atuais, uma centralidade do sujeito que muitas vezes trouxe problemas filosóficos e éticos para a humanidade, se pensarmos, por exemplo, nas guerras do último século ou nos problemas ambientais atuais, causados talvez por tal centralidade que compõe o sujeito em detrimento do outro, este compreendido como ameaça ou objeto para uso do sujeito e que pode, portanto, ser eliminado. Tais questões não serão tratadas aqui, mas certamente estas e muitas outras só são possíveis a partir da análise sobre o homem realizada por Foucault nesta obra que, apesar de ter sido deixada de lado por um tempo, é de grande contribuição para a filosofia contemporânea.

Da idade da representação à idade do homem

Na passagem da idade clássica para a moderna, as identidades da representação pararam de manifestar a ordem dos seres.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Todo o sistema da representação, então ancorado nas palavras, nas classificações, enfim, no discurso, foi abolido para dar lugar a uma linguagem com modos de ser múltiplos e dispersos. No lugar da linguagem associar-se à representação e ao conhecimento das coisas, como era no classicismo, a partir do século XVIII ela apresenta-se diversamente, possuindo um significado para os filólogos, outro para os formalistas e outro que não designa mais que ela própria (como para Mallarmé).

O limiar do classicismo para a modernidade [...] foi definitivamente transposto quando as palavras cessaram de entrecruzar-se com as representações e de quadricular espontaneamente o conhecimento das coisas. [...] Destacada da representação, a linguagem doravante não mais existe, e até hoje ainda, de um modo disperso. (FOUCAULT, 2007, p. 418-419)

O discurso era a ordenação primeira do pensamento clássico, quando ele desassocia-se da representação, inicia-se a modernidade: “A dispersão da linguagem está ligada, com efeito, de um modo fundamental, a esse acontecimento arqueológico que se pode designar pelo desaparecimento do Discurso” (FOUCAULT, 2007, p. 423). A linguagem só retorna ao campo do pensamento no século XIX com Nietzsche, designado por Foucault como “o filólogo”, que fez de um dos papéis da filosofia a reflexão sobre a

linguagem. Com Nietzsche, e também com Mallarmé, a linguagem é recolocada no pensamento: a preocupação volta-se então em saber o que é a linguagem e como fazer para que apareça por si mesma e em sua plenitude.

O quadro *Las meninas*, de Velásquez, é paradigmático no que se refere ao jogo da representação. Nele, todas as figuras são voltadas para aquilo que está representado como centro, no caso do quadro, o rei, mas que todavia não está inteiramente presente, senão apenas como representação, como um reflexo no espelho. Para Foucault, o *homem*, isolado em seu domínio próprio e específico, só passa a existir no fim do século XVIII e, portanto, *Las meninas*, uma obra do século XVII não poderia presentificar a figura do homem, mas apenas sua representação.

As ciências naturais, na idade clássica, tratavam do homem enquanto espécie ou gênero, mas ainda não havia uma “consciência epistemológica do homem enquanto tal”, um estudo específico do homem (FOUCAULT, 2007, p. 425). Na *epistémê* clássica, a “natureza humana” é associada, mesmo apresentando certas oposições, com a “natureza”, elas se comunicam, uma não existe sem a outra, uma vez que a cadeia dos seres da natureza



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

é identificada, nomeada, ordenada pelo discurso – característica própria da natureza humana. Portanto, o homem já era pensado na idade clássica, mas sem estar relacionado estritamente à natureza.

Sem dúvida, as ciências naturais [que predominavam na idade clássica] trataram do homem como de uma espécie ou de um gênero: a discussão sobre o problema das raças, no século XVIII, o testemunha. [...] Mas não havia consciência epistemológica do homem como tal. A *epistémê* clássica se articula segundo linhas que de modo algum isolam um domínio próprio e específico do homem. (FOUCAULT, 2007, p. 425)

No pensamento clássico prevalece o poder do discurso, ou seja, da linguagem que representa: nomeia, recorta, combina, articula e desarticula as coisas, “tornando-as visíveis na transparência das palavras”, transformando a percepção de um mundo desordenado em palavras, constituindo assim um “quadro” dessas coisas. A linguagem clássica proporciona que os seres se manifestem e a representação os ordene, articulando através dela ser e representação, e excluindo assim a possibilidade de uma “ciência do homem”. (FOUCAULT, 2007, p. 428). Nesse sentido, as palavras não fazem mais parte do mundo, como outrora era no Renascimento, mas representam, traduzem as coisas do mundo. O homem seria aquele que nomeia

e ordena, não aquele que é nomeado e ordenado:

[...] na grande disposição da *epistémê* clássica, a natureza, a natureza humana e suas relações são momentos funcionais, definidos e previstos. E o homem, como realidade espessa e primeira, como objeto difícil e sujeito soberano de todo conhecimento possível, não tem aí seu lugar. (FOUCAULT, 2009, p. 427).

Na modernidade, a representação passa a ser um elemento dentre outros na ordem do ser. O homem torna-se um ser próprio entre as leis da vida (biologia), da produção (economia) e da linguagem (filologia). Ele se torna o soberano, o “espectador observado”, aquele antecipado por Velásquez refletido no espelho, mas que ainda não estava lá, passa na modernidade a adquirir corpo. A partir de então esse homem está presente e se observa, tornando-se ao mesmo tempo sujeito e objeto de estudo. Há uma nova disposição da *epistémê* configurada na modernidade que possibilita o surgimento do homem nessa nova posição.

Quando a história natural se torna biologia, quando a análise das riquezas se torna economia, quando sobretudo a reflexão sobre a linguagem se faz filologia e se desvanece esse *discurso* clássico em que o ser e a representação encontravam seu lugar-comum, então, no movimento profundo de uma tal mutação arqueológica, o homem aparece em sua posição ambígua de objeto para um saber e de sujeito que conhece: soberano submisso, espectador olhado, surge ele aí, nesse lugar de Rei que, antecipadamente, lhe designavam *Las meninas*, mas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

donde, durante longo tempo, sua presença real foi excluída. (FOUCAULT, 2007, p. 430, grifo do autor).

Para Foucault, o que tornou possível o estudo do homem foi o surgimento das ciências empíricas, quais sejam, a biologia, a economia e a filologia. Antes delas, a preocupação das ciências naturais era observar e descrever os seres naturais, tentando agrupá-los e classificá-los a partir de sua aparência mais do que de suas estruturas e funções, ou seja, uma análise de superfície em detrimento da profundidade. Roberto Machado, no livro *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault*, considerada uma das principais referências sobre o tema, dedica algumas páginas ao estudo do que chama de “deslocamento” da análise nas ciências naturais ocorrido no século XVIII. De acordo com o autor:

A transformação essencial enunciada pelo conceito de organização é o deslocamento do visível para o invisível, das considerações da superfície para o conhecimento da profundidade, do espaço plano, bidimensional, para o espaço volumoso, tridimensional. É este deslocamento que faz a determinação do caráter depender não mais da estrutura visível dos seres naturais, mas de uma organização interna [...]. (MACHADO, 1981, p. 131)

Semelhante transformação nas ciências naturais aconteceu também com os

demais saberes clássicos, como a análise das riquezas e a gramática geral, que restringiam seu estudo ao conhecimento da superfície, à estrutura visível dos seres, passando a ser, a partir do século XVIII, conhecimentos mais voltados para o empírico: deixam de analisar as representações e o mundo ideal e passam ao estudo da coisa concreta, do real, cuja existência é independente do próprio pensamento que se tem dela.

O surgimento das ciências empíricas na modernidade significa, portanto, o desaparecimento da representação no campo do conhecimento empírico, possibilitando a emergência do estudo dos objetos em sua profundidade: vida, trabalho e linguagem, no lugar da análise dos seres vivos, das riquezas e das palavras.

É a partir do surgimento das ciências empíricas que a figura do homem pode emergir como objeto de estudo enquanto tal e como sujeito que conhece. É com elas que o homem pode possuir lugar privilegiado entre os animais, ser princípio e meio da produção na economia e também ser aquele que fala, ou seja, torna-se soberano na vida, na economia e na linguagem. Por outro lado, é igualmente dominado por essas mesmas esferas, pois só se pode ter acesso ao homem através da vida, da economia e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

da linguagem. É aí que se encontra a *finitude* e os limites do homem, anunciada na positividade do saber produzido pelo próprio homem.

Em certo sentido, o homem é dominado pelo trabalho, pela vida e pela linguagem: sua existência concreta neles encontra suas determinações; só se pode ter acesso a ele através de suas palavras, de seu organismo, dos objetos que ele fabrica. [...] A finitude do homem se anuncia – e de uma forma impiedosa – na positividade do saber. (FOUCAULT, 2007, p. 432)

Para conhecer a vida do homem, sabe-se a partir da espacialidade de seu corpo, da relação da produção com sua existência, que se dá pelo desejo, e da linguagem que ocorre pelo desencadeamento do pensamento através do tempo: tudo isso é possível em decorrência da finitude humana, mas que ao mesmo tempo é positividade para o saber, uma vez que dessa positividade é possível a ascensão do homem. Em outras palavras, o homem é um ser finito porque é determinado pelo seu corpo, seu desejo e sua linguagem, mas por outro lado, é condição de possibilidade desses saberes empíricos. Eis a correlação do homem enquanto objeto e sujeito, configurando assim o *a priori* histórico que possibilitou o surgimento das ciências humanas.

No pensamento clássico, o corpo, o trabalho e a linguagem são compreendidos

como limitados e, portanto, negativos, porque estão alojados no interior do pensamento metafísico e infinito. Já na modernidade, a reflexão sobre vida, trabalho e linguagem revelam o fim da metafísica por compreender que tal pensamento só pode dar-se no âmbito do finito. A positividade do homem aparece em virtude de sua finitude. O fim da metafísica anuncia justamente o aparecimento do homem, tornado possível a partir da consciência de sua finitude. De acordo com Roberto Machado,

o homem se descobre como um ser finito através das empiricidades porque como sujeito de conhecimento é também um ser finito e descobre, mais fundamentalmente, a finitude de seu corpo, de seu desejo, de sua linguagem. Se, no primeiro caso, o homem é determinado, e portanto dominado, pela vida, pelo trabalho e pela linguagem na medida em que não pode deixar de aparecer como um objeto, como um ser naturalizado e historicizado, agora, porém, ele é condição de possibilidade, fundamento a partir de que é possível que o homem seja empiricamente finito. (1981, p. 135)

Para Foucault, outra condição que possibilitou o aparecimento do homem como categoria central a partir do final do século XVIII, sendo, portanto, contemporânea a essa transformação nas ciências empíricas, foi o surgimento de um novo tipo de filosofia, inaugurada por Kant, que ordenou uma verdadeira “revolução



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

copernicana”² ao formular uma filosofia do sujeito independente da metafísica.

Para Kant, às três perguntas centrais da filosofia transcendental, elaboradas na *Lógica*, quais sejam, que posso saber? que devo fazer? e que me é permitido esperar?, acrescenta-se uma quarta: que é o homem? Essa profunda transformação na filosofia trazida por Kant, que desloca a preocupação na filosofia do objeto ao sujeito, inaugura uma antropologia filosófica em que o homem, antes objeto dentre outros, torna-se sujeito diante dos objetos, um sujeito peculiar, visto que é ao mesmo tempo também objeto de conhecimento.

Para o filósofo francês, a partir de Kant o pensamento antropológico é possibilitado na modernidade, embora os pós-kantianos não tenham seguido apropriadamente suas lições.

A Antropologia constitui talvez a disposição fundamental que comandou e conduziu o pensamento filosófico desde Kant até nós. Disposição essencial, pois que faz parte de nossa história; mas em via de se dissociar sob nossos olhos, pois começamos a nela reconhecer, a nela denunciar de um modo crítico, a um tempo, o esquecimento da abertura que a tornou possível e o obstáculo tenaz que se opõe obstinadamente a um pensamento por vir. (FOUCAULT, 2007, p. 473)

² O termo é usado por Roberto Machado, que assim nos esclarece: “Quando se fala de ‘revolução copernicana’ trata-se de um deslocamento da questão filosófica, pelo qual se procura resolver a possibilidade de conhecer a priori os objetos através de uma submissão necessária do objeto ao sujeito.

Kant inaugura na filosofia a distinção entre os níveis empírico e transcendental. Todavia, segundo Foucault, a reflexão filosófica moderna não segue de maneira apropriada tal separação. Isso porque as filosofias modernas (positivismo, dialética e fenomenologia) possuem uma “natureza mista”, confundem o empírico e o transcendental, tornando o homem das ciências empíricas como sujeito para a filosofia transcendental.

Os tipos de filosofia que surgem após a crítica kantiana e que buscam explicação para o homem, o fundamento do saber, são displicentes com essa separação efetuada por Kant entre o empírico e o transcendental, tornando absoluto o que é finito. Para o positivismo, cujo principal nome é Augusto Comte, o saber é fundado na verdade da natureza humana, da qual só se pode conhecer seus fenômenos e regularidades. Já para a dialética, sendo Hegel seu iniciador, a verdade encontra-se em formação e só será dada no futuro. Nem mesmo a fenomenologia, que pretendia ser

Kant explica a possibilidade do conhecimento a partir de uma investigação sobre as faculdades do conhecimento, [...] inaugurando uma teoria do conhecimento independente de uma metafísica da representação e do ser [...].” (MACHADO, 1981, p. 135)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

uma contestação dessas duas filosofias, segundo Foucault, consegue escapar, no final das contas, da confusão entre o empírico e o transcendental, que o autor chama de “sono antropológico”, posto que tal duplicidade é dissolvida na análise do vivido.³

Segundo José Ternes, essa negligência da filosofia moderna deve ser destacada uma vez que ela evidencia a ambiguidade do pensamento filosófico moderno. Não existe a partir dela uma nova idade do homem contraposta ao período anterior, uma vez que transformam o pensamento sobre ele em um novo dogmatismo.

Acreditam as “boas almas” que, finalmente, se anuncia uma nova idade do homem. Trata-se, certamente, de um delírio humanista. Ora transformam o empírico em fundamento. Ora fazem do transcendental objeto da experiência. Em ambos os casos, absolutizam um pensamento que, desde seu nascimento, se configura relativo, disperso, finito. Negam o próprio ser da modernidade. instauram, assim, através da antropologia, um novo dogmatismo. (TERNES, 1995, p. 49)

Foucault pretende em seu projeto arqueológico seguir os passos iniciados por Nietzsche ao apontar algo para além do antropologismo dominante desde os

primórdios da modernidade. Para acordar desse “sono antropológico” da filosofia moderna, Foucault afirma que é preciso “desenraizar” a antropologia para que ela não seja mais fundamento – característica da filosofia clássica e não mais da moderna – e sim uma *indicação*. Essa indicação pode ser reencontrada em Nietzsche, que propõe na morte do homem o recomeço da filosofia:

Talvez se devesse ver o primeiro esforço desse desenraizamento da Antropologia [...] na experiência de Nietzsche: através de uma crítica filológica, através de uma certa forma de biologismo, Nietzsche reencontrou o ponto onde homem e Deus pertencem um ao outro, onde a morte do segundo é sinônimo do desaparecimento do primeiro, e onde a promessa do super-homem significa [...] a iminência da morte do homem. Com isso Nietzsche marca o limiar a partir do qual a filosofia contemporânea pode recomeçar a pensar; [...] o fim do homem é o retorno do começo da filosofia. (FOUCAULT, 2007, p. 473)

Para além dessa problematização do sujeito como fora empreendido na modernidade, *As palavras e as coisas* traz em sua parte final uma reflexão sobre o estatuto das ciências humanas, ou seja, como a sociologia, a psicologia e a análise da literatura e dos mitos estudam o homem, compreendido, como vimos anteriormente, como um duplo empírico-transcendental.

³ Nas palavras de Foucault: “Essa questão [que é o homem?], como se viu, percorre o pensamento desde o século XIX: é ela que opera, furtiva e previamente, a confusão entre o empírico e o transcendental, cuja

distinção, porém, Kant mostrara. [...] Eis que nessa Dobra a filosofia adormece num sono novo; não mais o do Dogmatismo, mas o da Antropologia. (FOUCAULT, 2009, p. 471)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Se o homem passa a ser objeto empírico das ciências, de um lado, e sujeito e condição de possibilidade desse saber empírico, de outro, é somente a partir dessa novidade que é possível o surgimento das ciências humanas como um conjunto de discursos sobre o homem.

As ciências humanas encontram-se entre o empírico e o transcendental, relacionando-se às ciências empíricas, mas tendo como objeto não a vida, o trabalho e a linguagem, mas o homem enquanto representação. É importante salientar que a concepção de representação ora retomada por Foucault não equivale àquela da idade clássica, em que era a origem dos seres, da produção e das palavras e o lugar de sua verdade. As ciências humanas não analisam o homem enquanto positividade empírica, ou em sua natureza, mas procuram investigar “a representação que o homem se faz dos objetos empíricos” (MACHADO, 1981, p. 144).

Vê-se que as ciências humanas não são uma análise do que o homem é por natureza; são antes uma análise que se estende entre o que o homem é em sua positividade (ser que vive, trabalha, fala) e o que permite a esse mesmo ser saber (ou buscar saber) o que é a vida, em que consistem a essência do trabalho e suas leis, e de que modo ele pode falar. As ciências humanas ocupam, pois, essa distância que separa (não sem uni-las) a biologia, a economia, a filologia daquilo que lhes dá possibilidade no ser mesmo do homem. (...) Elas reconduzem sub-repticiamente as ciências da vida, do trabalho e da linguagem, para o

lado dessa analítica da finitude que mostra como pode o homem haver-se, no seu ser, com essas coisas que ele conhece e conhecer essas coisas que determinam, na positividade, seu modo de ser. (FOUCAULT, 2009, p. 488-489).

Como uma “reduplicação” dos saberes empíricos, o homem é estudado enquanto representa a vida, o trabalho e o sentido das palavras. Os objetos das ciências humanas são, portanto, a representação que ele próprio faz de suas atividades na sociedade. A representação torna-se não apenas o objeto das ciências humanas, mas seu próprio campo de estudos.

Conclusão

Ao investigar o aparecimento do homem como objeto e sujeito do conhecimento na modernidade, possibilidade aberta pela crítica kantiana, através de um estudo arqueológico, Foucault inova o campo filosófico não apenas com a idéia de que o homem é fruto dessa modernidade, mas pelo próprio método de investigação que utiliza para chegar a tal conclusão.

Foucault só pode chegar a ela através da relação que estabeleceu entre os saberes do período moderno, quando



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

explicita as condições de possibilidade do surgimento das ciências empíricas (biologia, economia, filologia), das ciências humanas (psicologia, sociologia e antropologia) e das filosofias modernas (dialética, positivismo e fenomenologia).

Assim como Kant operara no século XVIII uma “revolução copernicana” na filosofia com sua crítica, ao questionar primeiramente não o objeto de saber, mas *se e como* pode o homem saber – inclusive como pode saber dele próprio –, Foucault também se questiona sobre as condições de possibilidade do conhecimento e quais seus limites. Todavia, se Kant compreendia o sujeito que conhece como um universal, Foucault prioriza a configuração histórica do saber do homem. Sua crítica, circunscrita historicamente, é o que caracteriza seu método arqueológico, conforme foi visto ao longo do presente artigo.

Novamente, talvez uma dentre as várias razões de se retomar *As palavras e as coisas* seja o fato de ela suscitar questões relativas à centralidade do homem na modernidade, esse homem histórico, que

teve um nascimento e terá também um fim. A filosofia contemporânea tem debatido frequentemente sobre as questões éticas relacionadas a esse homem moderno, pois como categoria central, se configura a partir do confronto e muitas vezes da eliminação do outro, como foi o caso do homem europeu na modernidade e sua relação com a colonização da África, como explica Achille Mbembe, por exemplo.⁴

De todo modo, a Em outro nível de debate, essa figura central do homem foi usada contra o próprio Foucault quando questionado por Spivak se ele mesmo não estaria tomando o lugar de um sujeito universal, ao se posicionar como um intelectual que adotaria o lugar do outro, perpetuando sua subalternidade através do discurso hegemônico do intelectual europeu.⁵

A contribuição de Foucault possibilita um olhar crítico sobre as ciências humanas como campo de saber e por ter pensado o homem como categoria central, com nascimento e morte datados. Também a partir da obra é possível apontar para

⁴ Essa colonização, sobretudo a do século XX, se deu através da violência e do genocídio dos povos colonizados, como explica Mbembe, em *Necropolítica*.

⁵ Foi o que fez Gayatri Chakravorty Spivak em *Pode o subalterno falar?*, quando afirma que Foucault e

Deleuze, ao tentarem dar voz ao subalterno, estariam no fundo transformando o discurso subalternizado em hegemônico e, portanto, novamente o silenciando.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

alguma solução para a morte desse homem, como fez Nietzsche, ou para a construção de um novo homem, pensado pela filosofia na atualidade.

Referências bibliográficas

ALVES, Marco Antônio Sousa. **O homem e a crítica em As palavras e as coisas:**

Kant, Nietzsche, Foucault e além. Sapere

Aude. Belo Horizonte – Vol 7 – n.12 – p.

7-21, Jan./Jun. 2016. Disponível em

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/Sa>

[pereAude/article/view/P.6342.2016v7n13p](http://periodicos.pucminas.br/index.php/Sa)

72177-

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as**

coisas: uma arqueologia das ciências

humanas. Tradução de Salma Tannus

Muchail. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes,

2007.

MACHADO, Roberto. **Ciência e saber:** a

trajetória da arqueologia de Michel

Foucault. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** In: Arte & Ensaios, revista do ppgav/eba/ufrrj, no. 32, dezembro 2016, p. 122-151.

SOUZA, Fabiane Marques de Carvalho. **Da**

arqueologia à genealogia: a questão do

sujeito no percurso filosófico de Michel

Foucault. Tese de Doutorado. PUC – Rio:

2008.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno**

falar? Belo Horizonte: Editora UFMG,

2010.

TERNES, José. **Michel Foucault e o**

nascimento da modernidade. Tempo

Social. USP, São Paulo, 7, p. 45-52, outubro

de 1995.